XXV Congresso de Iniciação Científica da Unicamp

18 a 20 Outubro Campinas | Brasil

Transformações nas estruturas produtivas pós-1970s: estudo sobre o impacto da globalização em economias periféricas.

Bruno Cesar Cassani Medeiros*, Prof^a. Dr^a. Ana Lucia Gonçalves da Silva.

Resumo

A partir dos anos 1970, a pressão internacional por maior liberalização econômica, concomitante à emergência de inovações financeiras, provoca alterações nas formas de gestão das grandes empresas, que assumem o caráter de corporações globais. Essas alterações incitam a transferência de partes das cadeias produtivas para países e regiões onde os custos de produção são menores, permitindo maiores rendimentos aos grandes grupos internacionais. Todavia, esse movimento de internacionalização produtiva não ocorre de forma homogênea na periferia capitalista. Assim, o objetivo do projeto de pesquisa é compreender os principais determinantes que explicam tal inserção diferenciada a partir de uma análise comparativa entre países do leste asiático vis-à-vis ao caso brasileiro, tomado como expoente principal no quadro de industrializações tardias da América-Latina.

Palavras-chave: Globalização econômica, economias periféricas, estruturas produtivas.

Introdução

A análise das trajetórias de industrialização latino-americana e sul-asiática e a forma como se dá o processo de abertura econômica dessas regiões nos anos 1980 e 1990 permite um melhor entendimento do impacto dos projetos neoliberalizantes naqueles países, bem como permite que as discussões sobre a atuação do Estado e o papel das grandes corporações multinacionais sejam discutidos a luz do processo de globalização. Dessa forma, o projeto procurou mapear pontos de semelhança e divergência nas trajetórias de industrialização de ambas regiões, bem como, a partir do entendimento dessas trajetórias, buscou tecer reflexões sobre a forma de inserção daquelas economias no mundo globalizado, atentando sempre para as particularidades internas e as possibilidades externas.

Resultados e Discussão

Os processos de adensamento das matrizes produtivas latino-americanas e sul asiáticas ocorrem de forma distintas. No Brasil, desde os anos 1950, industrialização segue um perfil em que se nota uma semelhança muito grande com os países já desenvolvidos no que tange a composição setorial que se instala a partir de então (FAJNZYLBER, 1983; TAVARES, 1983). É transplantada para essa periferia um setor de bens de consumo duráveis, intermediário e de capital muito semelhante ao dos países centrais, contudo, com presença maciça de empresas multinacionais e uma atuação do Estado que, embora assuma uma postura intervencionista e programadora, não faz das empresas públicas nem do setor privado nacional a “pata mais forte” do tripé industrial.

Nos países do leste asiático, dado as melhores condições de financiamento e autonomia de políticas por parte dos Estados Nacionais e, também, seu maior potencial programador e coordenador dos investimentos, principalmente devido a sua posição geopolítica, foi possível políticas industriais mais estruturadas que engendraram meios de internalização do progresso técnico e tecnologias de ponta, de forma que, ao chegar no fim dos anos 1970, Coreia, Taiwan e Hong Kong – e também Singapura – haviam estruturado uma plataforma de exportação moderna, criado uma indústria nacional dinâmica de bens de consumo duráveis e bens de

capital, em um processo tanto de substituição de importações como de substituição de exportações, ao constituir empresas nacionais exportadoras e grandes grupos nacionais – como no caso coreano –, capazes de competir com as grandes corporações multinacionais que já dominavam os mercados internacionais. (FAJNZYLBER, 1983; CANUTO, 1991)

Conclusões

A trajetória de industrialização do sudeste asiático possibilitou que o processo de abertura econômica daquela região se desse de forma muito mais racionalizada. Por lá terem sido constituídas grandes plataformas de exportação de manufaturados, ter se investido em grandes programas de internalização tecnológica, e se fomentado grandes empresas nacionais – se apoiando, portanto, menos em investimento externo direto que os países latino americanos que se industrializam no mesmo período –, a matriz produtiva daquela região se encontrava muito mais competitiva e preparada para ser exposta ao processo de abertura econômica do que a matriz produtiva latino-americana, que fora constituída muito mais para o consumo interno das economias da região, em um momento do capitalismo mundial no qual as proteções tarifárias eram não só mais viáveis, como também mais comuns.

Dessa forma, é possível compreender que o impacto distinto do processo de liberalização econômica se relaciona mais do que ao fato de ser ou não ser uma nação com uma estrutura produtiva densa e modernizada, mas à forma como foram conduzidos tais processos, tanto internamente, pelas forças de poder que comandam os Estados nacionais, mas também externamente, pela conveniência geopolítica das potências centrais e interesses das grandes corporações globais que emergem nesse período.

Referências Bibliográficas

TAVARES, Maria da Conceição de Almeida. *Da substituição de importações ao capitalismo financeiro: ensaios sobre economia brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.

FAJNZYLBER, Fernando. *La industrialización trunca de América Latina*. Ed. Nueva Imagem, México, 1983.

CANUTO, Otaviano. *Processos de industrialização tardia: o “paradigma” da Coreia do Sul*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas, SP. 1991.

DOI: 10.19146/pibic-2017-78487

XXV Congresso de Iniciação Científica da UNICAMP